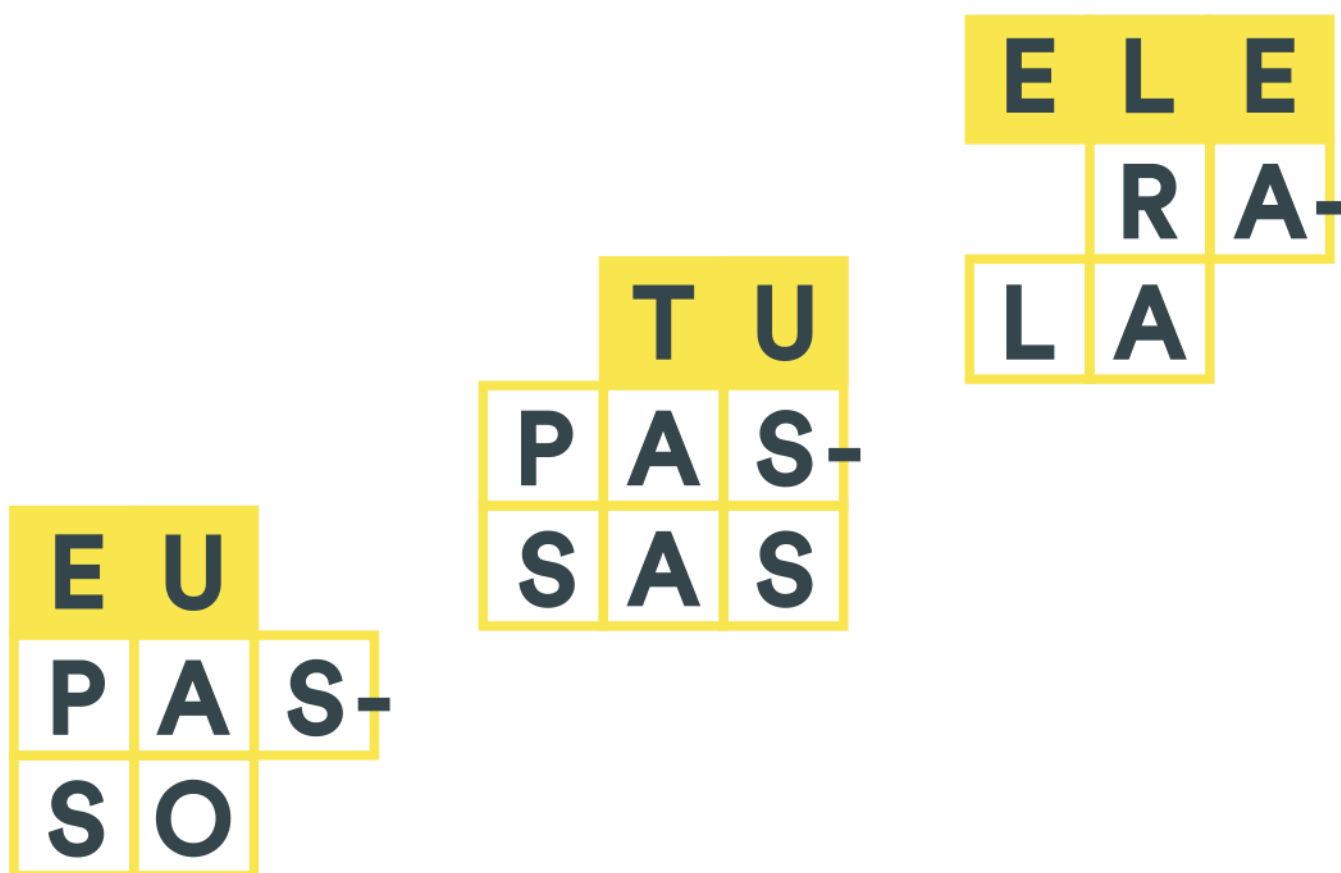


Revisão com Aprofundamento: Modernismo – Segunda Fase



Revisão com Aprofundamento: Modernismo – Segunda Fase

Cântico

Murilo Mendes

Homens, irmãos de todos os tempos e países,
Formamos juntos um vasto Corpo
Estendido na história através das gerações.
É no partir do pão que reconhecemos o Senhor,
Na fração da amizade, dos bens mútuos, das palavras 5 de consolo,
Na fração das palavras do poeta, das danças do dançarino, do canto do
músico.

É a nós, guias, que compete abrir as portas das prisões,

É a nós que compete transformar as espadas em arados,

10 É a nós que compete fazer diminuir

O temor e o tremor espalhados pelo mundo.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa & Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995; p 330.

Murilo Mendes (1901-1975)]

1. Que relação se pode estabelecer entre o título e o poema de Murilo Mendes?

Leia o texto abaixo para as questões 2 e 3:

Viagem na família

No deserto de Itabira
a sombra de meu pai
tomou-me pela mão.
Tanto tempo perdido.
Porém nada dizia.
Não era dia nem noite.
Suspiro? Voo de pássaro?
Porém nada dizia.

Longamente caminhamos.
Aqui havia uma casa.
A montanha era maior.
Tantos mortos amontoados,
o tempo roendo os mortos.

E nas casas em ruína,
desprezo frio, umidade.
Porém nada dizia.

A rua que atravessava
a cavalo, de galope.
Seu relógio. Sua roupa.
Seus papéis de circunstância.
Suas histórias de amor.
Há um abrir de baús
e de lembranças violentas.
Porém nada dizia.

No deserto de Itabira
as coisas voltam a existir,
irrespiráveis e súbitas.
O mercado de desejos
expõe seus tristes tesouros:
meu anseio de fugir;
mulheres nuas; remorso;
Porém nada dizia.

Pisando livros e cartas,
viajamos na família.
Casamentos; hipotecas;
os primos tuberculosos;
a tia louca; minha avó
traída com as escravas,
rangendo sedas na alcova.
Porém nada dizia.

Que cruel, obscuro instinto
movia sua mão pálida
sutilmente nos empurrando
pelo tempo e pelos lugares
defendidos?
Olhei-o nos olhos brancos.

Gritei-lhe: Fala! Minha voz
vibrou no ar um momento,
bateu nas pedras. A sombra
prosseguia devagar
aquela viagem patética
através do reino perdido.
Porém nada dizia.

Vi mágoa, incompreensão
e mais de uma velha revolta
a dividir-nos no escuro.
A mão que não quis beijar,
o prato que me negaram,
recusa em pedir perdão.
Orgulho. Terror noturno.
Porém nada dizia.

Fala fala fala fala.
Puxava pelo casaco
que se desfazia em barro.
Pelas mãos, pelas botinas
prendia a sombra severa
e a sombra se desprendia
sem fuga nem reação.
Porém ficava calada.

E eram distintos silêncios
que se entranhavam no seu.
Era meu avô já surdo
querendo escutar as aves
pintadas no céu da igreja;
a minha falta de amigos;
a sua falta de beijos;
eram nossas difíceis vidas
e uma grande separação
na pequena área do quarto.

A pequena área da vida

me aperta contra seu vulto,
e nesse abraço diáfano
é como se eu me queimasse
todo, de pungente amor.
Só hoje nos conhecermos!
Óculos, memórias, retratos
fluem no rio do sangue.
As águas já não permitem
distinguir seu rosto longe,
para lá de setenta anos...
Senti que me perdoava
porém nada dizia.

As águas cobrem o bigode,
a família, Itabira, tudo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, pp. 154-5.

2. A leitura do texto nos remete às reminiscências da infância e às relações familiares do eu poético a partir de uma perspectiva intimista e confessional. A partir desta constatação, determine o gênero literário predominante no referido texto, justificando a sua resposta com aspectos que o caracterizam.

3. Determine e discuta o sentido de viagem presente no poema de Carlos Drummond de Andrade, transcrevendo exemplos que justifiquem a sua resposta.

Leia o texto abaixo para as questões 4 e 5:

Recordação

Agora, o cheiro áspero das flores
leva-me os olhos por dentro de suas pétalas.

Eram assim teus cabelos;
tuas pestanas eram assim, finas e curvas.

As pedras limosas, por onde a tarde ia aderindo,
tinham a mesma exalação de água secreta,

de talos molhados, de pólen,
de sepulcro e de ressurreição.

E as borboletas sem voz
dançavam assim veludosamente.

Restitui-te na minha memória, por dentro das flores!
Deixa virem teus olhos, como besouros de ônix,
tua boca de malmequer orvalhado,
e aquelas tuas mãos dos inconsoláveis mistérios,
com suas estrelas e cruzes,
e muitas coisas tão estranhamente escritas
nas suas nervuras nítidas de folha,
– e incompreensíveis, incompreensíveis.

MEIRELES, Cecília. Obra poética. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1972, p.154.

4. O poema de Cecília Meireles caracteriza-se pela visão intimista do mundo, a presença de associações sensoriais e a aproximação do humano com a natureza. A memória é a fonte de inspiração do eu poético. A partir dessas afirmações, determine o gênero literário predominante no texto acima, justificando sua resposta com suas próprias palavras.

5. Observa-se no poema a utilização de inúmeras figuras de linguagem como recurso expressivo. Destaque do texto um exemplo de prosopopeia e outro de sinestesia.

Gabarito

1. Cântico é um poema ou hino entoado com o objetivo de louvar algo ou alguém. O poema de Murilo Mendes constitui-se como um cântico em louvor àqueles capazes de mitigar e transformar o sofrimento dos homens.
2. O gênero literário predominante no texto 1 é o lírico, caracterizado pelos seguintes aspectos: presença do eu lírico; interiorização dos sentimentos; introspecção; expressão emocional.
3. O sentido da viagem no poema de Drummond é metafórico e abstrato, ou seja, o eu poético viaja com a sombra do pai pelas reminiscências, lembranças e aspectos que caracterizam a memória familiar. Alguns dos inúmeros exemplos que justificam essa afirmação são: “Longamente caminhamos. / Aqui havia uma casa. / A montanha era maior. / Tantos mortos amontoados, / o tempo roendo os mortos.”; “Há um abrir de baús / e de lembranças violentas.”; “Pisando livros e cartas, / viajamos na família. / Casamentos; hipotecas; / os primos tuberculosos; / a tia louca; minha avó / traída com as escravas, / rangendo sedas na alcova.”
4. O gênero literário predominante no poema é o lírico. Pode-se constatar o lirismo do texto pela presença do “eu lírico”, pela subjetividade na escolha das imagens, pela valorização das sensações e pela aproximação entre sujeito e objeto.
5. Como exemplo de prosopopeia pode ser citada a seguinte passagem: “E as borboletas sem voz/ dançavam assim veludosamente.” O emprego da sinestesia pode ser observado no seguinte verso: “Agora, o cheiro áspero das flores”.